



A ficção de Moacyr Scliar entre o passado e o futuro

Moacyr Scliar's Fiction Between the Past and the Future

Lincoln Amaral*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo | São Paulo, Brasil
lincolnbio@superig.com.br

Resumo: O enredo do romance *Cenas da vida minúscula* oscila entre dois eixos narrativos: o passado e o presente. Ao evocar a memória familiar do protagonista, o primeiro eixo aborda elementos da tradição judaica. Após a diáspora vivenciada por ele, o segundo eixo se desenvolve num tempo presente angustiante. Certas metáforas potencializam o agudo olhar do autor às complexas relações de alteridade decorrentes desse contexto. Presente em toda o romance, o antagonismo passado-presente produz diálogo contínuo entre a tradição e o judaísmo diaspórico. Tais polos projetam a perspectiva de um futuro incerto e reificado. O protagonista passa por um suposto efeito amnésico, cena essa que se apresenta ao leitor de forma desconcertante. Tal cenário pode pôr em xeque a verossimilhança construída na narrativa.

Palavras-chave: Moacyr Scliar. Judaísmo. Identidade.

Abstract: The plot of the novel *Scenes of the tiny life* oscillates between two narrative axes: the past and the present. In evoking the familiar memory of the protagonist, the first axis addresses elements of the Jewish tradition. After the diaspora experienced by it, the second axis develops in an agonizing present time. Certain metaphors enhance the author's keen gaze to the complex relationships of otherness arising from this context. Present throughout the novel, past-present antagonism produces continuous dialogue between tradition and diasporic Judaism. Such poles project the prospect of an uncertain and reified future. The protagonist goes through a supposed amnesic effect, a scene that presents the reader in a disconcerting way. Such a scenario may call into question the verisimilitude constructed in the narrative.

Keywords: Moacyr Scliar. Judaism. Identity.

* Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).



[...] uma ideia que até a mim surpreende, e que me faz perguntar se quem a trouxe foi o anjo que o vento da História arremessa ao futuro, ou um espectro emergindo das sombras do passado.

(Moacyr Scliar)

Uma primeira leitura, mesmo que fragmentária e ainda não sistematizada, da fortuna crítica da obra de Moacyr Scliar, mostra que as principais vertentes nela desenvolvidas são o seu caráter de assimilação do estrangeiro ao nacional, a oscilação entre elementos históricos narrados de forma realista e os elementos fantásticos, míticos e surreais.

Este artigo pretende contribuir com essas leituras focalizando outro aspecto, a meu ver bastante interessante na obra do autor, qual seja, a relação dialética que se estabelece entre passado (nesse caso frequentemente relativo à memória da tradição judaica) e o futuro dessa etnia após ter vivenciado o fenômeno da diáspora (um futuro incerto, descaracterizado e reificado frente aos valores homogeneizantes do capitalismo moderno).

Trata-se de um foco de análise ainda não esgotado e, portanto, com possibilidade de aprofundamento de investigações. Essa abordagem não se esgota em si mesma, isto é, pode ser conectada às leituras existentes, possivelmente enriquecendo-as e, por fim, uma análise como esta talvez auxilie a verificação mais cuidadosa da percepção do modo como se enlaça e se problematiza mutuamente história e mito, formas de representação e temas representados.

Filho de imigrantes oriundos do leste europeu, o escritor judeu-brasileiro Moacyr Scliar nasceu em Porto Alegre em 1937. Traduzida em vários idiomas, sua extensa obra contempla mais de oitenta títulos classificados em diversos gêneros.

Scliar afirma sobre a situação dos judeus do leste europeu que imigraram ao Brasil:

Maravilhados embora, os judeus hesitavam ainda em abandonar o seu lar. Pobre lar, ameaçado lar, mas lar, em cujo telhado míticos violonistas tocavam as melancólicas melodias de um passado que se confundia com o presente. Mas não o futuro, cada vez mais incerto – e ameaçador. (SCLIAR, 1985, p. 16).

Condição semelhante é descrita com enfoque sociológico em recente livro de Eva Alterman Blay:

Os judeus na Rússia, na Polônia, na Romênia e na Alemanha estavam sujeitos a formas de subordinação que os excluía dos



direitos civis: não tinham o direito de se locomover no território, eram obrigados a morar em 'áreas determinadas', não tinham liberdade de trabalho, eram submetidos a *numerus clausus*¹ na educação e, sob os mais fortuitos pretextos, eram vítimas de *pogroms*²" (BLAY, 2013, p. 33).

Para Nelson Vieira (1995), os textos de Scliar, ao articular várias alteridades, incorporam a perspectiva do outro. Mais ainda, ao introduzir o ângulo do outro e perspectivas fronteiriças, o relato também convida o leitor a situar-se numa posição de alteridade e olhar o mundo a partir de uma ótica diferente. Patricia Nuriel (2011) acrescenta que essas personagens liminares movem-se com frequência em espaços que também são periféricos.

De acordo com Berta Waldman, a "acentuada presença de elementos ficcionais híbridos no trabalho desse autor, permite que se eleja o foco analítico de perscrutar os *entrelugares* originários das interseções entre as representações binárias características de Scliar" (2003, p. 104), com especial relevo para aquelas que permeiam as relações entre judeus e não judeus, frequentemente contaminadas por estereótipos, visões tipificadas e outras simplificações que obstaculizam a articulação com a alteridade. Essa construção identitária dupla ocupa posição nuclear no projeto literário de Scliar, englobando cada uma das três fases de sua produção autoral, que será resumida aqui de forma esquemática segundo classificação proposta por Ana Cecília Agua de Melo (2004).

Dos romances da primeira fase, produzidos entre os anos de 1972 a 1979, destacam-se: *A guerra no Bom Fim* (1972), *O exército de um homem só* (1973), *Os deuses de Raquel* (1975), *O ciclo das águas* (1975), *Mês de cães danados* (1975), *Doutor Miragem* (1978) e *Os voluntários* (1978). São obras ambientadas na cidade de Porto Alegre e circunscritas ao bairro do Bom Fim. Enfatizam temática relacionada as distintas escolhas que opõem entre si gerações dos imigrantes judeus: entre os que lutam por conservar suas tradições culturais daqueles que, nascidos no Brasil, almejam assimilar-se à cultura hegemônica, opção que os leva habitualmente a abdicar da pertença ao seu próprio grupo étnico.

A segunda fase da produção de Scliar, que perdurou do ano de 1980 a 1991, abarca, entre outras obras de ficção longa, *O centauro no jardim* (1980), *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983) e *Cenas da vida minúscula* (1991). Tais romances que não mais se

¹ *Numerus clausus*: Limite máximo estabelecido de indivíduos ou entidades que podem ser admitidos num organismo ou instituição.

² *Progrom*: Na Rússia czarista, agitação ou tumulto de grande violência, dirigidos contra uma comunidade, classe ou minoria, geralmente, com o beneplácito das autoridades. Movimento popular, quase sempre acompanhado de pilhagem e assassinios, contra uma comunidade étnica ou religiosa, especialmente, os judeus



restringem ao microcosmos do bairro do Bom Fim, ampliaram o olhar do autor para temas nacionais, uma vez que priorizam painéis históricos e metáforas sobre o país. Todavia, conservam traços característicos das letras judaicas, como a circularidade, a fragmentação textual, a escrita diaspórica, a parábola e a intertextualidade com a Bíblia e a Cabala.

De acordo com observação de Berta Waldman:

Entre a tradição, a inserção no país, e os olhos voltados para Israel, o lugar do judeu é intersticial. É desse lugar que emana a ficção de Scliar. A vida no intervalo apresenta dificuldades que seus heróis se esforçam por superar, à medida que o processo de mestiçagem étnica e cultural segue seu curso. (WALDMAN, 2012, p. 14).

Parece factível incluir também nesse intervalo intersticial algumas outras personagens não judeus do autor, embora elas ocupem tal terreno movido por outras razões. Assim, visando ampliar o ponto de vista analítico convencional, faz-se necessário relacionar as representações do judeu e do não judeu na ficção de Moacyr Scliar, visto que as identidades de ambos são usualmente conflitantes e, as vezes, dialeticamente complementares. Tais negociações identitárias são recorrentes no romance *Cenas da vida minúscula*.

São exemplos de romances da terceira fase da produção de Scliar, que ocorreu entre os anos de 1992 a 2011, *Sonhos tropicais* (1992), livro em que o autor narra, no solo híbrido entre história e ficção, aspectos sociais da medicina e da vida de Oswaldo Cruz que eclipsam a temática judaica. Porém, ela é retomada em *A majestade do Xingu* (1997), cuja narrativa explora, entre outras questões, períodos específicos da história brasileira, descrita novamente com o viés judaico por um personagem-narrador imigrante.

No decorrer de sua trajetória profissional, Scliar compatibilizou as carreiras de professor, médico sanitário e escritor. Vinculado à comunidade científica, militou pela viabilização de metas em prol da Saúde Pública: o saneamento das águas, o aconselhamento médico familiar, a prevenção de doenças, a adoção de políticas para mitigar epidemias, o controle microbiológico do ambiente.

Esta atuação do médico Moacyr Scliar pode ter influenciado seu projeto literário, por meio da exploração de imagens, sobretudo de elementos da natureza, como a água, a terra, os animais, as plantas, os microrganismos, entre outras, utilizadas como metáforas auxiliares à arquitetura de suas narrativas.

Tais elementos reverberam em alguns romances do autor e provavelmente amplificam o caráter ambíguo das suas personagens. É provável que eles coexistam em um movimento oscilante, ora tratados de forma “realista”, até mesmo com certo



rigor científico; ora abordados a partir de sua dimensão onírica e simbólica, nesse caso por meio de uma perspectiva “fantástica”.

Para Waldman:

Moacyr Scliar é um dos poucos escritores nacionais que tematiza o fenômeno da imigração judaica ao Brasil. O trabalho desse autor pode ser considerado em certa medida a contrapartida da literatura dos viajantes, responsável por alterar o ponto de vista e o olhar do imigrante sobre a própria tradição cultural de origem, de modo a permitir sua inserção na nova pátria (WALDMAN, 2003, p. 103-104).

Outro elemento significativo desse filão literário é o dilema crucial que se coloca ao estrangeiro: a possibilidade de ser assimilado pela cultura hegemônica e perder sua identidade.

Segundo Haron Jacob Gamal (2009), Scliar pertenceria a uma gama de autores que poderiam ser considerados como anfíbios culturais, cuja representação literária se moldou em duas línguas-culturas de raízes diferentes. A integração entre essas polaridades culturais ocorre de forma difícil e dolorosa. Pertencer simultaneamente a culturas diversas pode significar, na verdade, não pertencer de maneira segura a nenhuma delas; fazer parte de um lugar que se desloca constantemente; ser sempre estrangeiro.

Rico em alegorias e com o traço irônico do melancólico humor de Moacyr Scliar, o romance *Cenas da vida minúscula* é narrado em primeira pessoa pelo protagonista autodenominado “Baixinho”. O enredo da obra oscila entre dois eixos narrativos: o passado e o presente. Essa perspectiva é favorecida pelos temas e recursos estilísticos eleitos: a intertextualidade, a fábula, o messianismo e a circularidade.

Ao evocar a memória familiar do protagonista, o primeiro eixo narrativo aborda elementos da tradição judaica. A gênese se inicia com o mago Habacuc, filho do rei Salomão. Trata-se de um ser dividido entre duas escolhas: trazer a amazona pela qual seu pai se apaixonara ou transgredir e realizar seu desejo de criar a vida.

Nessa evocação, impregnada de experiências mitológicas, alquímicas e cabalísticas - a dinastia de Habacuc escolhe a segunda opção. Erra por amplo espaço movediço, ora no Oriente, ora na Europa, e por fim na América. Atravessa séculos em busca da utopia que se concretiza na Amazônia, com a criação da colônia de homúnculos ancestrais do protagonista.

Fruto dessa diáspora que o “Baixinho” experimenta, o segundo eixo narrativo se desenvolve num tempo presente angustiante. Junto a sua amada Laila, ele é capturado da aldeia pelo gigante Naum, personagem que personifica a exploração do pequeno pelo grande. Assim, passa a habitar o opressivo apartamento paulistano, e



se frustra frente à necessidade de sobreviver naquele mundo ambíguo, ao mesmo tempo hostil e sedutor.

Os minúsculos tentam se adaptar à usura dos gigantes. Certas metáforas potencializam o agudo olhar do autor às complexas relações de alteridade decorrentes desse contexto. O desenraizado protagonista testemunha a bizarra relação erótica que ocorre entre Laila e o seu algoz. Essa “mulherícula” ganhara a boneca *Barbie* do gigante, e, tentando se transformar nela, por meio de um banho de água oxigenada, morre intoxicada. O “Baixinho”, por sua vez, é acometido por fantástico processo de crescimento (de 10 cm atinge 140 cm) e depois consegue fugir. Pode agora andar, então, nas ruas, entre as pessoas “normais”, sem ser notado. Porém, terá ainda de suportar o permanente estigma originado de sua baixa estatura.

Presente em toda a obra, o antagonismo passado-presente produz diálogo contínuo entre tradição e judaísmo diaspórico. Tais polos projetam a perspectiva de um futuro incerto e reificado. Quase ao apagar das luzes do romance, é isso o que o panorama narrativo desenha.

O protagonista descobre que a clareira onde nasceu foi substituída por uma plantação de arroz. De volta a São Paulo, sofre um surto de malária cerebral e padece com “delírios espantosos”. Passa a viver com a namorada Glória, que pretende concretizar um negócio com Naum, o algoz que havia capturado o “Baixinho” na floresta.

Ao visitar o apartamento de Naum, o protagonista mal reconhece o local e a história que ali teria *vivido*. Passa então a se questionar, ele poderia ser um amnésico em recuperação? Toda a sua odisseia familiar resultou dos delírios maláricos? Ou está apenas confuso? Esse suposto efeito amnésico também se apresenta ao leitor, que pode pôr em cheque a verossimilhança construída.

Se o eixo narrativo do passado foi fruto de uma ilusão, o que dizer do presente? Esse dilema descortina aspectos inexplorados das relações entre passado-presente, relativiza as noções de tempo, de espaço, dos conceitos de “eu” e “outro” presentes na obra. Leva-nos assim a questionar: de que passado, presente, futuro se trata?

Com esse desfecho magistral, Scliar reduplica a ambiguidade do tema escolhido, apontando um itinerário marcado pela estranheza, pela circularidade que está a serviço do pequeno *versus* o grande, a floresta *versus* a cidade, a gênese mágica *versus* o desencanto de sua transformação em memória.

Referências

ANDERSON, Perry. Trajetos de uma forma literária. Trad. Milton Ohata. *Revista Novos Estudos*, CEBRAP, n. 77, p. 205-220, mar. de 2007.



BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. *Obras escolhidas I, Magia e técnica. Arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense 1985. p. 197-221.

BLAY, Eva. *O Brasil como destino: raízes da imigração judaica contemporânea para São Paulo*. São Paulo: Editora UNESP. 2013.

CAPELA, Carlos Eduardo Schmidt. Representações de migrantes e imigrantes: o caso de Juó Bananére. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, v. 52, 1994.

MELO, Ana Cecília Águia de. *Humildes livros, bravos livros: cenas da história brasileira na ficção de Moacyr Scliar*. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América*. São Paulo, Edusp, 2000.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GAMAL, Haron Jacob. *Estrangeiros: o anfíbio cultural na prosa brasileira de ficção*. São Paulo: Ibis Libris, 2013.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

IGEL, Regina. *Imigrantes judeus/escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*. São Paulo, Perspectiva, 1997.

JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível?. Trad. Hugo Mader. *Revista Novos Estudos*, CEBRAP, n. 77, p. 185-203, mar. 2007.

LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Trad. Marina Sanematzu. Rio de Janeiro: Imago, 1995.



LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

NURIEL, Patrícia. O significante “Israel” na novelística de Moacyr Scliar. *Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 87-96, jan./jun. 2011.

OLIVEIRA, Leopoldo. De uma Literatura de Imigração a uma literatura migratória: breve análise da obra de Moacyr Scliar. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, 2008, São Paulo. *Anais...* Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/018/LEOPOLDO_OLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2017.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

SCLIAR, Moacyr. *A estranha nação de Rafael Mendes*. Porto Alegre: L&PM, 1983.

SCLIAR, Moacyr. *A guerra no Bom Fim*. RJ: Expressão e Cultura, 1972; Porto Alegre: L&PM, 1981.

SCLIAR, Moacyr. *A Majestade do Xingu*. SP: Companhia das Letras, 1997.

SCLIAR, Moacyr. *Caminhos da esperança: a presença judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: RIOCELL, 1985.

SCLIAR, Moacyr. *Cenas da vida minúscula*. Porto Alegre: L&PM, 1991.

SCLIAR, Moacyr. *Doutor miragem*. Porto Alegre: L&PM, 1978; L&PM Pocket, 1998.

SCLIAR, Moacyr. *Mês de cães danados*. Porto Alegre: L&PM, 1978.

SCLIAR, Moacyr. *O centauro no jardim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980; Porto Alegre: L&PM, 1983.

SCLIAR, Moacyr. *O ciclo das águas*. Porto Alegre: Editora Globo, 1975.

SCLIAR, Moacyr. *O exército de um homem só*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1973; Porto Alegre: L&PM, 1983; L&PM Pocket, 1997.



SCLIAR, Moacyr. *Os deuses de Raquel*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1975; Porto Alegre: L&PM, 1983.

SCLIAR, Moacyr. *Os voluntários*. Porto Alegre: L&PM, 1979.

SCLIAR, Moacyr. *Sonhos tropicais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SORG, Bernardo. *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

SZKLO, Gilda Salem. *O Bom Fim do shtetl*: Moacyr Scliar. São Paulo: Perspectiva, 1990.

VIEIRA, Nelson. Hibridismo e alteridade: estratégias para repensar a história literária. *Cadernos de Centro de Pesquisas Literárias*. Porto Alegre, PUC-RS, v. 4, n. 2, nov. 1998.

VIEIRA, Nelson. *Jewish Voices in Brazilian Literature: A Prophetic Discourse of Alterity*. Gainesville: University Press of Florida, 1995.

WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

WALDMAN, Berta. Os caminhos da ficção de Moacyr Scliar. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, v. 6, n. 11, out. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/3069/3023>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

ZILBERMAN, Regina (Org.). *Moacyr Scliar. A poesia das coisas simples*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ZILBERMAN, Regina; BAILEY, C. F. Brasil, Brasis, ou: a hora e a vez das minorias étnicas. *Revista Iberoamericana*, v. LXXVI, p. 11-21, 2010.

ZILBERMAN, Regina. A ficção de Moacyr Scliar. *Suplemento Literário*, Minas Gerais, v. 15, n. 808, p. 8, mar. 1982.

ZILBERMAN, Regina. Do Bom Fim para o mundo. *Webmosaica*, v. 1, p. 116-120, 2009.

ZILBERMAN, Regina. Do estigma à liberação: representações dos judeus na literatura brasileira. *Revista Iberoamericana*, v. LXXVI, p. 63-79, 2010.



ZILBERMAN, Regina. Moacyr Scliar e O Ideal do Livro. *Cadernos de Alfabetização e Leitura*, Niterói, v. 1, n. 1, p. 11-14, 1993.

ZILBERMAN, Regina. Moacyr Scliar: escritor de Porto Alegre. *Ecos*, Porto Alegre, v. 10, n. 23, p. 42-42, 2003.

ZILBERMAN, Regina. *Moacyr Scliar*. Território da emoção. Crônicas de Medicina e Saúde. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ZILBERMAN, Regina. O judeu de Malta: matriz de um mito negativo. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 17, p. 71-79, 2005.

Recebido em: 17/11/2016.

Aprovado em: 07/01/2017.